

Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura

Eliane Dias de Castro, Erika Alvarez Inforsato, Renata Monteiro Buelau,
Isabela Umbuzeiro Valent, Elizabeth Araújo Lima

Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo: Neste artigo apresenta-se um panorama de ações territoriais marcado pelos movimentos sociais em torno da desinstitucionalização da loucura e da construção dos direitos das pessoas com deficiência, que configuram um novo campo de práticas de Terapia Ocupacional voltadas às complexas demandas das populações atendidas com o objetivo de ampliação da participação sociocultural. São ações e estratégias desenvolvidas pelos participantes do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, que estão articuladas às políticas públicas de saúde mental, humanização e cultura, instauradas no Brasil a partir dos anos 2000, desenvolvidas na cidade de São Paulo. Elas integram ensino, pesquisa e extensão, contribuem para a qualidade de serviços ofertados à comunidade e fortalecem as redes de atenção e participação social. Os principais métodos de acompanhamento e avaliação das intervenções estão relacionados à pesquisa qualitativa, à construção de uma reflexão intensiva que busca construir um conhecimento local em Terapia Ocupacional orientado por ações criativas e pela conjunção de referenciais clínicos, artísticos e culturais. Os projetos desenvolvidos ampliam o acesso da população atendida às experiências artísticas e culturais do território, contribuem para a construção de políticas da vida, dinamizando formas de participação, convivência e produção de subjetividade. Configuram-se, assim, tecnologias socioculturais consonantes à importância de fortalecer e sustentar novas propostas para populações expropriadas de suas redes de vida sustentadas pela significativa intervenção de terapeutas ocupacionais.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional/Tendências, Arte, Saúde, Cultura, Políticas Públicas.*

Territory and diversity: paths of Occupational Therapy in art and culture experiences

Abstract: This article presents a view of territorial actions marked by social movements related to the de-institutionalization of insanity and the development of rights of physically-and mentally handicapped people, which configures a new field of occupational therapy practices oriented towards the complex demands of assisted population and targeted on increasing sociocultural participation. Those are actions and strategies, implemented by the participants of the Laboratory of Studies and Research Art, Body and Occupational Therapy of the University of São Paulo, which are articulated with the public policies of mental health, humanization and culture set up in in Brazil as of 2000. They involve teaching, research and extension; contribute to the quality of services offered to the community and strengthen the assistance and social participation networks. The main follow up and interventions assessment methods are related to qualitative research, development of an intensive reflection in that seek to build up local knowledge of occupational therapy guided by creative actions and by crossed clinical, artistic and cultural references. The projects implemented have broaden the access of the population assisted to artistic and cultural experiments in the territory, they have contributed to the construction of life policies enabling ways of participation,

of living together and subjectivity producing. Thus, sociocultural technologies are configured in agreement with the importance of strengthening and supporting new proposals for populations expropriated from their life networks, supported by significant intervention of occupational therapists.

Keywords: *Occupational Therapy/Trends, Art, Health, Culture, Public Policies.*

1 Introdução

Uma vez deflagrados por movimentos sociais, os processos de desinstitucionalização da loucura e da construção dos direitos das pessoas com deficiência corroboraram a configuração de tecnologias socioculturais para a instauração de um novo campo de práticas de Terapia Ocupacional voltadas às complexas demandas das populações atendidas. O artigo retoma transformações no cenário das políticas públicas de saúde mental, cultura e humanização no Brasil a partir dos anos 2000 e, em seguida, apresenta a construção, no plano das práticas e do pensamento, de uma perspectiva de atenção territorial em Terapia Ocupacional na interface das artes, da saúde e da cultura, desenvolvida no Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. Esta perspectiva afirma um compromisso ético-político, e seus dispositivos indicam marcos para a produção de tecnologias socioculturais de participação da população em situações de vulnerabilidade que acentuem traços de singularidade e de valorização da diversidade. Tais dispositivos têm contribuído para a efetivação de políticas públicas nos diferentes locais onde se inserem e, num movimento de reciprocidade, também tem se aprimorado a partir da produção conceitual e prática engendrada pelas mesmas políticas e por ações inovadoras e inventivas no cotidiano das práticas.

2 Saúde e cultura no Brasil: as transformações no cenário das políticas públicas

A década de 1980, no Brasil, marcou o início de um período de grandes modificações no cenário político e social com o fim da ditadura militar e o fortalecimento de importantes movimentos democráticos e em defesa dos direitos da população, que culminaram com a promulgação de uma nova constituição em 1988. Entre esses movimentos, aqueles voltados para a melhoria da atenção à saúde fortaleceram ações interdisciplinares e produziram novos sentidos em suas práticas. Nesse âmbito, o Movimento da Reforma Sanitária deu origem ao Sistema Único de Saúde (SUS), com propostas de descentralização e regionalização da atenção e

gestão da saúde, numa perspectiva de equidade, integralidade e universalidade, pautada no mandato constitucional da saúde como direito fundamental.

A organização e luta das pessoas com deficiência por direitos às mesmas oportunidades sociais que as de outros cidadãos, pela melhoria de suas condições de vida e de seu entorno sociocultural, aprofundou as reivindicações e ampliou a construção de propostas para assegurar oportunidades de acesso, exercício e expressão dos potenciais criativos, artísticos, culturais e intelectuais por todos (ORGANIZAÇÃO..., 1996).

Observou-se, nas intervenções em Terapia Ocupacional, a introdução de novos conceitos e abordagens técnicas para o enfrentamento daquilo que nos campos da saúde e da cultura limitava o acesso de pessoas atendidas aos bens culturais e sociais, em consonância com uma nova noção de reabilitação baseada em ações no território. Essa noção tem como sentido principal a construção dos direitos substanciais (afetivos, relacionais, materiais, habitacionais, produtivos e culturais) das pessoas atendidas e um interesse em pesquisar as transformações ocorridas nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas de populações em situação de vulnerabilidade social (SARACENO, 1995). Cada vez mais, foi sendo identificada a necessidade de propostas que restituíssem à vida sua dimensão criativa, com a possibilidade de pertencimento a grupos que trabalhassem fortalecendo formas de encontro e convivência, vivificando a participação cultural.

No mesmo período, ganhou força o Movimento da Luta Antimanicomial, voltado para a superação do modelo manicomial de atendimento em saúde mental e para o fim das práticas de tortura, violência, exclusão e maus-tratos realizados nessas instituições. O Movimento da Luta Antimanicomial deu origem à Reforma Psiquiátrica brasileira e levou a uma política de saúde mental que propõe novas abordagens do sofrimento psíquico. Vários serviços foram criados visando à substituição dos antigos hospitais psiquiátricos por novos locais e estratégias de cuidado: hospitais-dia, leitos de saúde mental em hospitais gerais, serviços residenciais terapêuticos, Centros de Convivência e Cooperativas (CECCO) e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

A política de saúde mental passou a estimular ações que promovessem a integração dos usuários em espaços socioculturais e comunitários e, assim, um

grande número de experiências culturais, artísticas e de lazer viabilizou-se através de políticas intersetoriais em parceria com instituições públicas, privadas e a sociedade civil. Grupos de dança, rodas de conversa, ateliês de artes plásticas, grupos musicais, rádios e companhias de teatro, com participação de pessoas com história de sofrimento psíquico, começaram a fazer parte da paisagem das cidades.

Em 2007, foi realizada a oficina “Loucos pela Diversidade – da diversidade da loucura à identidade da cultura”, uma iniciativa articulada do Ministério da Saúde com o Ministério da Cultura. Esta oficina reuniu profissionais, professores, estudantes, pesquisadores, artistas, produtores culturais e usuários de serviços de saúde mental de todo o Brasil, envolvidos em projetos culturais na área da saúde mental, com a finalidade de indicar políticas públicas culturais para pessoas em sofrimento mental e em situações de risco social (AMARANTE; LIMA, 2008).

Como fruto desta iniciativa, em 2009 o Prêmio Loucos pela Diversidade contemplou artistas, grupos autônomos e instituições que tinham desenvolvido práticas artísticas consistentes e significativas, na maioria das vezes em condições de extrema precariedade. Artistas e coletivos ganharam força na cena cultural brasileira, inovando linguagens e colocando em cheque os lugares tradicionalmente previstos para as pessoas em sofrimento psíquico.

A IV Conferência Nacional de Saúde Mental, ocorrida em 2010, ampliou as discussões em torno da intersetorialidade, considerando a importância de se estabelecerem formas de cooperação entre a saúde e outros setores da sociedade. As propostas elaboradas nesta ocasião indicaram a implantação de serviços em espaços comunitários que desenvolvessem projetos de promoção da saúde mental e de prevenção de agravos através de oficinas de arte e cultura e de práticas esportivas, efetivando parcerias entre serviços de saúde, esporte, lazer, cultura e educação. Além disso, foi considerado necessário

garantir direitos culturais na esfera social, política e econômica, qualificando a assistência à saúde socioambiental, da criança ao idoso, e às pessoas com deficiência, promovendo a arte, a cultura de paz e o lazer (BRASIL, 2010, p. 105).

Em decorrência desses fatores, atualmente, no Brasil, há uma marcada presença de ações culturais, atividades artísticas e práticas corporais que dinamizam o campo da reabilitação e a própria desinstitucionalização, intensificando a produção de saúde especialmente em espaços tradicionalmente não designados para este fim. Essas atividades

participam do conjunto de estratégias voltadas à construção de projetos de vida, à invenção de outras formas de participação social, promoção de espaços de troca e experimentação de modos inusitados de produção de valor.

No âmbito da cultura, a valorização da diversidade e do direito à participação ativa na vida cultural favoreceu a criação de novos debates, prêmios e outras políticas públicas nessa mesma direção. A partir de 2003, a gestão do Ministério da Cultura passa a desenvolver diversas iniciativas em parceria com os campos da saúde e da educação. O Programa Cultura Viva representa o principal ponto de inflexão nessa transformação, pois parte da afirmação da cultura como direito, valoriza a diversidade cultural e recoloca o papel do Estado como potencializador da força criativa já existente em cada canto do país, especialmente nas áreas de maior vulnerabilidade e risco social, apoiando-se sobre os eixos da criação e expressão, livre acesso, difusão e participação nas decisões de política cultural.

Os Pontos de Cultura, principal estratégia do Programa Cultura Viva, implementados através de chamadas públicas, passou a fomentar projetos com recursos humanos, materiais e financeiros para que funcionem como polos em uma rede articulada de difusão e potencialização da capacidade criativa da população, incluindo o patrimônio imaterial do país e a cultura popular de diferentes grupos e regiões. Essa iniciativa, que não parte de modelos preestabelecidos para seu funcionamento, descentraliza a gestão e a distribuição de recursos e favorece a multiplicação das mais variadas formas de expressão e convivência (BRASIL, 2014).

A Política Nacional de Humanização (PNH), também chamada de HumanizaSus (BRASIL, 2004a), possui importantes ressonâncias com as políticas de saúde mental e de cultura acima descritas e promove um entrelaçamento de práticas e de campos conceituais, mobilizando aberturas nos processos de produção de subjetividade. Foi criada em 2003 como uma política transversal com o objetivo de aumentar o grau de corresponsabilidade em relação às problemáticas que circunscrevem a produção da saúde, buscando promover mudanças na gestão dos processos de trabalho de forma a desencadear uma transformação substantiva na cultura da atenção. Essa política propõe uma construção coletiva operada em diferentes níveis: troca de saberes entre todos os envolvidos com o cuidado em saúde (equipe, usuários e sua rede social); diálogos sobre os modos de trabalhar em equipe; ampliação dos espaços de compartilhamento de experiências; e associação de novas qualidades às práticas de

cuidado desenvolvidas (BENEVIDES; PASSOS, 2005a, 2005b; REIS et al., 2004). Na política de humanização enfatiza-se que a produção de saúde não está desvinculada da produção de sujeitos, e recoloca-se a importância, autonomia e protagonismo de todos aqueles implicados nesse processo. Assim, as ações nessa política acontecem através de “tecnologias relacionais”, que possibilitam mudanças dos modos de se relacionar, cuidar, trabalhar e gerir o cuidado, a transversalidade das ações e o trabalho em rede que se mostram essenciais no processo de humanização (BENEVIDES; PASSOS, 2005c).

É necessário dizer que os avanços nas políticas públicas brasileiras são inegáveis. Entretanto, as complexidades derivadas do contato com as populações atendidas no campo da Terapia Ocupacional apontam necessidades de ampliação e sustentação dessas ofertas intersetoriais, com projetos constituídos na interface com as artes, a saúde e a cultura (GALHEIGO; CASTRO, 2010). A proliferação de experiências deriva predominantemente da produção de conhecimento feita a partir de um esforço para sua sistematização e da militância de alguns profissionais. O movimento contemporâneo para o desenvolvimento de ações nessa interface ressalta questões que podem alcançar um estatuto de analisadores relevantes para a construção do conhecimento, mas ele ainda carece de uma responsabilização do poder público no sentido de validar e fortalecer essas mesmas ações para que elas se tornem efetivamente uma política pública de interface. O cotidiano das práticas aponta zonas de criação e de tensão e um esforço para ultrapassar as barreiras de disciplinas que muitas vezes se mantêm incomunicáveis e dificultam a construção de respostas para atender as necessidades reais da população.

3 Construindo novas perspectivas de atenção na interface arte, saúde e cultura: a experiência do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional

A experiência do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional¹, iniciada há quase 20 anos, tem acompanhado e alimentado a implantação dessas políticas públicas voltadas às populações em situações de vulnerabilidade. Inserido numa perspectiva de resistência à marginalização de grupos sociais e de construção de direitos, este laboratório constituiu-se em 1996 no entrecruzamento dessas lutas e a partir do encontro de terapeutas

ocupacionais interessados em pesquisar o cuidado no campo de interface das artes, da saúde e da cultura. As ações daí decorrentes vêm construindo redes e produzindo tecnologias socioculturais através de práticas de intervenção social que ocorrem no território da cidade de São Paulo e propõem soluções criativas e participativas para a população tradicionalmente atendida em Terapia Ocupacional.

Atualmente, a equipe do laboratório é constituída por docentes e terapeutas ocupacionais com formações em campos interdisciplinares, destacando-se o diálogo com o pensamento e as práticas em saúde mental, assistência social, artes, filosofia, cultura e educação. Também fazem parte dessa equipe: estagiários de graduação em Terapia Ocupacional; estudantes de pós-graduação stricto e lato sensu; bolsistas de programas internos da Universidade de São Paulo e de agências públicas de fomento a pesquisas; artistas, arte-educadores e terapeutas colaboradores.

No cotidiano de suas ações a equipe enfrenta o desafio da construção de um conhecimento crítico capaz de articular as intervenções para além de uma fragmentação do saber, tão frequente na área da saúde. A interdisciplinaridade é um pressuposto contemporâneo na consolidação dessas práticas e exige estudos que integrem múltiplos campos do conhecimento, o que demanda um trabalho por etapas aproximativas e a construção de uma rede interligada de parceiros e de conceitos mutuamente consistentes que permitem abordar os problemas de forma a favorecer avanços e inventividades necessárias (CARVALHO, 1992).

Para tanto, o laboratório estabelece parcerias com projetos e instituições que se constituem nesse espaço de fronteira – o que também resulta na ampliação do campo assistencial e do número de pessoas beneficiadas. Entre os parceiros, estão equipamentos sociais e culturais que estendem sua contribuição a projetos com características e interesses compartilhados, e operam como experiências catalisadoras de mudança social.

A aproximação dos campos das artes, da saúde e da cultura e a possibilidade de intensificar a produção de acessos a universos socioculturais colaboram para a construção de respostas às complexas demandas dos participantes desses projetos. Essas respostas são também atravessadas pelas questões sociopolíticas do país de modos cada vez mais significativos.

Na efervescência de todas essas dinâmicas, as intervenções do laboratório promovem uma experiência articulada de ensino, pesquisa e extensão universitária, com ações voltadas à comunidade que se coletivizam

e criam condições para o desenvolvimento de um conhecimento inovador no âmbito da universidade e dos equipamentos públicos de saúde e cultura da cidade de São Paulo, o que favorece a estruturação de políticas públicas mais democráticas no país.

3.1 Metodologias – caminhos convergentes

Por tratar-se de experiência transversal entre os eixos da pesquisa, do ensino e da extensão, exigidos pelo trabalho universitário, o laboratório desenvolve suas metodologias em direções diversas, que acentuam as possibilidades de experimentação criativa, cultural, clínica e de formação em Terapia Ocupacional e artes. São desenvolvidas metodologias voltadas à atividade assistencial, e outras dirigidas à formação de profissionais para atuar no trabalho e ensino da arte e do corpo, no acompanhamento de pessoas e na mediação e interlocução dessas com o corpo social. Esses modos de fazer serão discriminados a seguir em dois tópicos, embora no cotidiano do laboratório essa separação seja menos nítida e mais complexa, uma vez que a formação demanda arrojara amplitude das ações de assistência à população e essa, por sua vez, impulsiona mudanças na formação dos estudantes e nos temas de pesquisa.

Metodologias de ensino: a aproximação de estudantes ao trabalho do laboratório acontece em disciplinas de graduação, grupos de orientação de pós-graduação, curso de especialização e bolsas de apoio à permanência estudantil. Para o acolhimento e formação desses estudantes, o laboratório desenvolve estratégias metodológicas que gravitam por experiências e intervenções junto a outros estudantes (monitoria de disciplinas da graduação, auxílio ao docente na preparação da programação e condução das aulas) e à população acompanhada pelo projeto didático-assistencial do laboratório, o Pacto.

As ações que constituem a metodologia de formação do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional têm como eixos principais: o *registro das intervenções* como dispositivo de memória e invenção na relação com os acontecimentos vivenciados, constituído por registro direto em prontuários e construção de material expressivo que dão subsídios ao acompanhamento dos estudantes; o *planejamento e discussão das intervenções em supervisões grupais e individuais*, que oferecem aos estudantes acolhimento e continência para que as experiências possam ser pensadas e problematizadas; a *reflexão e estudo em grupo de leitura e escrita e preparação de seminários* em encontros regulares para articulação das discussões das supervisões a perspectivas

conceituais que colocam os estudantes em contato com os referenciais teóricos que sustentam a prática na interface das artes, da saúde e da cultura; e as *discussões em reuniões de equipe* em que são abordados temas relacionados aos projetos coletivos e ao acompanhamento individual de alguns participantes, bem como seminários de aprofundamento temático que permitem contextualizar cada ação no conjunto das propostas do Pacto e da estrutura institucional da universidade.

3.1.1 Metodologias de intervenção: o projeto didático assistencial do Laboratório, Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – Pacto.

No âmbito dos projetos desenvolvidos pelo laboratório, destaca-se o Pacto – Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional, projeto didático-assistencial que atua com referências básicas nos movimentos contemporâneos das artes, da reabilitação psicossocial e da produção de subjetividade. O Pacto inscreve-se nas ações de ensino, pesquisa e extensão da Universidade de São Paulo, é conveniado ao Sistema Único de Saúde (SUS) e, desde 1998, construiu uma rede de projetos grupais que oferece assessoria em Terapia Ocupacional e assistência gratuita para crianças, adolescentes, adultos e idosos em dificuldade na gestão de sua vida diária, na participação em atividades socioculturais e no enfrentamento de problemáticas decorrentes de deficiências física, intelectual ou sensorial, desordens funcionais e/ou transtornos mentais, que muitas vezes os instalam em situações de vulnerabilidade.

Em função da dificuldade de acesso a outros serviços de assistência, a população atendida pelos projetos caracteriza-se por um perfil socioeconômico com precariedades diversas: problemas de moradia, de transporte, dificuldade de admissão em escolas, no mercado de trabalho e nas redes de convivência em geral. A procura pelo Pacto se dá pela necessidade de lugares de troca e convivência, aprofundamento técnico, experimentação em práticas artísticas e corporais, e atendimento clínico em Terapia Ocupacional. Algumas buscas são espontâneas, mas em geral as pessoas são encaminhadas por equipamentos de saúde e de cultura e/ou por profissionais de diversas áreas.

Em todos os dispositivos grupais da rede de atendimentos do Pacto encontram-se composições bastante heterogêneas, uma vez que nenhum dos projetos constitui-se a partir de marcas diagnósticas,

mas priorizam interesses e necessidades singulares relacionadas às atividades em desenvolvimento. A intenção é engendrar com os participantes a potência de um conjunto que evita anular ou achar as diferenças, direcionando-as para que sejam motores de encontro e pertença social.

Para oferecer suporte aos projetos grupais, um conjunto de ações voltadas a demandas específicas das pessoas atendidas constitui a Rede de Sustentação, dispositivo que oferece apoio a alguns dos participantes através de acompanhamentos terapêuticos, atendimentos individuais e familiares, agenciamento de equipamentos de saúde, auxílio à frequência dos grupos e inserção em outras propostas artístico-culturais. Ressalta-se o fato de que fazem parte de todos os projetos estudantes dos campos da saúde – sobretudo de Terapia Ocupacional – e das artes, que contribuem para seu funcionamento, e são, concomitantemente, formados pelo Pacto em seus serviços de ensino e pesquisa.

Desde o momento de sua implantação, o Pacto tem acompanhado grupos que utilizam como dispositivo as artes e os trabalhos com o corpo em ateliês cuja metodologia compreende o fazer artístico, a potencialização da convivência e das trocas sociais, a atualização cultural e a divulgação das produções realizadas em exposições, feiras e mostras de arte, engendrando, assim, a participação dos usuários e de suas produções no circuito da cidade (CASTRO et al., 2005).

Entendem-se as atividades artísticas, as práticas do corpo e a circulação cultural como construções e experimentações capazes de acolher e dar forma a vivências singulares que extravasam e tensionam os limites hegemônicos de entendimento e elaboração na linguagem verbal, possibilitando outras formas de expressão e de construção de linguagens. Circunscritos ao âmbito das atividades e produções humanas, os exercícios deste trabalho constituído na interface entre a Terapia Ocupacional, as artes e a cultura, ao deslocar a clínica para o campo da invenção, desloca simultaneamente o foco da atuação da doença para a potencialização de diferentes modos de vida e permite novas possibilidades de atuação e de encontro para técnicos e usuários.

O olhar atento e o cuidado com as atividades realizadas auxiliam no processo de participação sociocultural das pessoas envolvidas. Desenho, pintura, modelagem, colagem, música, poesia, narrativa, dança, performance, entre outras manifestações artísticas presentes na produção e na vida destes sujeitos e grupos, desencadeiam movimentos de compromisso com o exercício clínico, indispensável para um trabalho que considera as

situações limites vividas por sujeitos e populações que, no enfrentamento de estados clínicos e/ou de total desvantagem social, não deixam de encontrar um fio que articula fragmentos de suas histórias a momentos criativos que dão origem a produções artísticas e imprimem transformações fundamentais em suas vidas (CASTRO, 2001).

Esses projetos implementam transformações no cotidiano dos participantes e favorecem sua colaboração em atividades culturais no território através da pesquisa e experimentação, da construção de um repertório artístico, do fortalecimento do crescimento pessoal, da experiência relacional e do incremento de suas possibilidades de vida, incluindo-se aí o acesso a equipamentos e serviços nos quais exercem seus potenciais criativo, artístico, intelectual e relacional (LIMA et al., 2009b).

Pouco a pouco, as experiências do laboratório transitam por territórios de diferentes disciplinas e inventam modos de compor com ou a partir delas, seja por parceria, interferência, contaminação ou desvio. Nessas aproximações, são criadas e desenvolvidas práticas clínicas, educacionais, artísticas e culturais que buscam atingir o principal ponto de interesse, a saber, a participação da população atendida em Terapia Ocupacional em espaços socioculturais da coletividade urbana.

De forma bastante artesanal, quando necessário, projetos de vida são elaborados em conjunto com usuários e familiares, com fortes investimentos na garantia dos direitos e da cidadania, na atenção aos trajetos da afetividade e na reconstrução de histórias de vida. Os terapeutas ocupacionais do programa têm a função de interlocutores e mediadores entre os participantes e os espaços sociais, criando as condições necessárias para a ampliação das possibilidades de atendimento às questões clínicas, a circulação no território da cidade e a restauração ou inauguração de laços sociais.

3.2 Relações territoriais: parcerias

Com o intuito de fortalecer o lugar da experimentação desses modos de fazer na interface das artes, da saúde e da cultura, sempre enfatizando as diferentes maneiras de existir e participar dos processos socioculturais, o Pacto desenvolve projetos diretamente vinculados ao espaço da universidade, e também se dedicou à construção e colaboração com projetos no território da cidade. Atualmente suas ações migraram por completo para o território, distribuídas por várias regiões da cidade de São Paulo. Através de parcerias e acordos de colaboração com experiências desenvolvidas em equipamentos e serviços

da rede pública, em iniciativas da sociedade civil e organizações não governamentais com finalidade pública de saúde e de cultura, o Pacto ampliou sua rede de atenção e formação. Em sua trajetória muitos projetos fizeram parte dessa rede: setores educativos de museus e mostras de arte; oficinas de associações para pessoas com deficiência; grupos autônomos de teatro, artes plásticas, dança e canto coral; grupos de atividades artísticas e corporais em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e de Convivência e Cooperativa (Cecco); oficinas e projetos em centros culturais e bibliotecas, entre tantos outros.

Atualmente, o desenho da rede do Pacto compõe-se pelos dispositivos grupais abaixo relacionados, que são coordenados por equipes multiprofissionais de terapeutas e artistas e oferecidos à população em composições heterogêneas (pessoas em situação de vulnerabilidade em função de deficiências, sofrimento psíquico e/ou risco social e população em geral). São eles:

- **Agenciamento Lapa:** Proposta intersetorial estabelecida no território da Lapa (zona oeste da cidade de São Paulo), articulando três segmentos institucionais – o Centro de Atenção Psicossocial da Lapa (CAPS-Lapa), o Pacto/USP, a supervisão de ação cultural do Tendal da Lapa – e a comunidade atendida. Caracteriza-se por encontros que buscam discutir as demandas de participação nos equipamentos de saúde, educação, assistência social e cultura, de populações vulneráveis e em processo de exclusão social. São encontros para acompanhar e discutir projetos em andamento e/ou formular propostas transdisciplinares, que viabilizem condições de trabalho conjunto para enfrentar os complexos temas que atravessavam o cotidiano da população que vive e circula pela região. Incentivam a participação em eventos culturais do território e a articulação de redes intersetoriais de atenção e participação da população atendida.
- **Centro de Convivência e Cooperativa (Cecco) Parque da Previdência:** Oficinas e projetos com atividades artístico-culturais, com população heterogênea, visando experiências com as atividades em situações coletivas que estimulem a exploração do território, o contato e as trocas de convivialidade.
- **Coletivo Preguiça:** Experiência comum de pesquisa e inscrição das produções no circuito artístico-cultural, para potencializar a visibilidade das maneiras de fazer, instaurar processos de experimentação de linguagens e fazeres artísticos e articular um estado de produção-processo pautado nos afetos, na convivência e na horizontalidade do conhecimento.
- **Coral Cênico Cidadãos Cantantes:** Oficinas que promovem o trânsito entre canto coral, artes e saúde, com propostas de agenciamentos relacionais e territoriais, com participação de usuários de serviços de saúde mental, pessoas em situação de vulnerabilidade social e outras da população em geral interessadas nesta construção artística.
- **Cia. Teatral Ueinz:** Experimentações performáticas e teatrais que reúnem atores com histórico de circulação por serviços e instituições de tratamento de saúde mental e criam espetáculos que compõem a cena cultural da cidade.
- **Ponto de Cultura É de Lei:** Atividades culturais e artísticas a partir da fotografia, do audiovisual e de intervenções urbanas que compõem estratégias de redução de riscos e danos sociais e à saúde associadas ao uso de drogas no centro da cidade de São Paulo.
- **Grupo de Trabalho Arte, Saúde, Cultura:** Constituído por representantes das Secretarias de Saúde e Cultura do Município de São Paulo, da sociedade civil organizada, de trabalhadores da rede de saúde e cultura e da comunidade acadêmica, este grupo desenvolve ações que visam à construção de políticas intersetoriais no município.

Em cada um desses dispositivos, vários projetos artístico-culturais são desenvolvidos, com atividades preparadas por terapeutas ocupacionais, artistas colaboradores, estagiários e bolsistas, produzidas com os participantes, de acordo com a característica de cada coletivo e suas proposições históricas e contingentes. Com isso, o Pacto tem contribuído para a realização de muitos passeios a exposições em museus e centros culturais da cidade de São Paulo, a parques públicos e a espetáculos de teatro, música e dança; também tem colaborado e oferecido oficinas de atividades artísticas (pintura, escultura, xilogravura, desenho etc.) e corporais (dança, teatro, performance), bem como a preparação de vídeos, coreografias e montagens teatrais. Além disso, fomenta a circulação dos trabalhos produzidos através de registro e catalogação, organização de

portfólios, preparação de obras para a exposição pública, montagem de pequenas exposições e inscrição dos projetos em mostras e concursos de artes, e produção de viagens a convite de festivais e para exploração e experimentação artística e de convivência coletiva.

Essas práticas ocorrem em redes mais ou menos precárias, visando à inscrição dos usuários de serviços de saúde na trama sociocultural. Elas atuam para restaurar a participação e a vida em comunidade e operam experiências singulares de transformação social e de experimentação artística e cultural. Em consonância à perspectiva do laboratório, o campo da Terapia Ocupacional mostra-se efetivo no agenciamento dessas redes, construindo pontes entre a população e os projetos, e dos projetos entre si, revelando a multiplicidade e importância desses trabalhos (BARBOSA, 2010; COUTINHO et al., 2009; LIMA et al., 2009a; MALUF et al., 2009; CASTRO, 2007; PELBART, 1998; SOARES et al., 2009; VALENT, 2014; CASTRO et al., 2015).

4 Deslocamentos sensíveis

As experiências no Pacto afirmaram ser fundamentais tempo e espaço para que várias formas de fazer, expressar, inventar e conhecer possam ser acolhidas numa perspectiva na qual a singularidade humana se apresente em sua diversidade. No acompanhamento dos ateliês de corpo e arte, das atividades culturais realizadas no território da cidade e dos múltiplos projetos singulares que compõem a proposta, pode-se: acompanhar a emergência de novas camadas de experiência que fizeram com que fosse possível ampliar a conectibilidade com o mundo; fortalecer a convivência com base na heterogeneidade; estimular a criação de laços que dão vitalidade à existência dos participantes. Como num hipertexto, cada projeto realizado gerou novas possibilidades de participação social e novos formatos, mais ousados e consonantes aos desejos expressos pelos participantes. Nos encontros realizados, podem-se também explorar diversas formas de circulação no território da cidade, estabelecer relações com o entorno artístico-cultural, experimentar novas formas de relação entre as pessoas.

A vivência dos processos criativos e a capacitação técnica para a realização de determinadas produções artísticas e culturais desenvolvidas ancoraram-se em metodologias suficientemente abertas para instaurar um diálogo efetivo com as necessidades da população atendida. Além disso, possibilitaram manter os participantes em atividade, promoveram a produção da saúde e criaram territórios para habitar o mundo.

Nesse contexto, forças produtivas tornaram-se disponíveis e potencializaram a ação humana. E conjuntamente enfrentaram-se a marginalidade opressiva, a solidão, a ociosidade, a angústia com as experiências de sofrimento psíquico e a exclusão social apresentada pelos participantes.

Através de um trabalho processual, o Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional desenvolve modos de cuidados artesanais, que tensionam e promovem aberturas nos espaços artísticos e culturais da cidade de São Paulo para que possam receber a população atendida prioritariamente nas redes de saúde, mas também aquela que se aproxima e se interessa pelos projetos desenvolvidos nos equipamentos de cultura da cidade. A partir dessa proposta instauram-se possibilidades de caminhos divergentes aos processos de homogeneização das diferenças e da tendência histórico-cultural de institucionalização e desvalorização de pessoas em vulnerabilidade ou com experiência de sofrimento psíquico. A aposta é de que novas sociabilidades e formas de resistência aos processos de exclusão possam ser engendradas. O Pacto e seus projetos parceiros atuam como dispositivos clínico-artístico-culturais, no embate com um território bastante contraditório, dominado por uma cultura de consumo e com a consequente exclusão daqueles que não podem dela participar.

Em um mundo em que há a produção massiva de esgotamento nervoso e sofrimento psíquico, Franco Berardi (2015) propõe que a ação social e política ocorra, sobretudo, como terapia mental e relacional. Terapia, diz o autor, não como uma técnica de adaptação e integração de indivíduos à normalidade da sociedade de consumo, marcada por competições constantes e pela exaustão dos corpos, mas pela ativação da sensibilidade, da empatia e de novas formas de composição.

A longa experiência de trabalho, que envolveu a concepção, a implantação, o desenvolvimento, a sustentação e o cuidado com o projeto coletivo do Pacto, tem viabilizado práticas e construções de redes importantes tanto para os estudantes, professores e pesquisadores quanto para as pessoas atendidas, visando à instauração desse plano sensível e relacional. Nessa perspectiva, destacam-se os investimentos feitos na formação de profissionais especializados para o atendimento na interface das artes, da saúde e da cultura e a produção e estruturação de um conhecimento que possa sustentar as ações nessa fronteira.

São questões que envolvem a produção de saberes e geram práticas inovadoras, que podem servir de referência para outras experiências; criam

subsídios para uma posterior articulação às políticas públicas voltadas para a produção da saúde e para a participação sociocultural da população atendida, no sentido de uma invenção permanente da cultura que não elimine nenhum segmento da comunidade de sua participação; configurando um espaço de sensibilidade, correspondente ao necessário exercício comum da política.

As implicações da rede de projetos ligadas ao Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional e de outras de características semelhantes localizam pontos de força num território de fragilidades que demanda uma abordagem ao mesmo tempo ética, estética, clínica e política, que considera os efeitos dos funcionamentos sociais sobre a vida, bem como os deslocamentos destes funcionamentos e a instauração de outras políticas de subjetivação, em que o espaço social não tenha estranguladas suas possibilidades de experimentação, e que a vida possa expandir-se.

Referências

- AMARANTE, P.; LIMA, R. *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura*. Relatório final. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008. Disponível em: <http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/publicacoes/SID/Loucos_Diversidade_Relatorio_2008.pdf>. Acesso em: 8 maio 2011.
- BARBOSA, N. D. *Fendas na cultura: a produção de tecnologias de participação socioculturais em terapia ocupacional*. 2010. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Humanização na saúde: um novo modismo? *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 389-397, 2005a.
- _____. Réplica. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 404-406, 2005b.
- _____. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 561-571, 2005c.
- BERARDI, F. *A sensibilidade é hoje o campo de batalha político*. Entrevista ao website Boca do Mangue. Disponível em: <<https://bocadomangue.wordpress.com/2011/01/30/%E2%80%9Ca-sensibilidade-e-hoje-o-campo-de-batalha-politico%E2%80%9D>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BRASIL. *Ministério da Cultura*. Disponível em: <www.cultura.gov.br>. Acesso em: 07 maio 2014.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: política nacional de humanização*. Brasília: MS, 2004. Disponível: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaus_2004.pdf> Acesso em: 08 mar. 2009.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência a Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Relatório Final da VI Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Brasília, 2010.
- CARVALHO, E. A. A declaração de Veneza e o desafio transdisciplinar. *Revista Margem*, São Paulo, v. 1, p. 91-103, 1992.
- CASTRO, E. D. *Atividades artísticas e Terapia Ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. 327 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- CASTRO, E. D. et al. *Projeto corpo e arte: articulando ações em terapia ocupacional*. Relatório Científico Final da FAPESP. São Paulo: FAPESP, 2005.
- CASTRO, E. D. In pacto: arte e corpo em terapia ocupacional. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 393-398, 2007.
- CASTRO, E. D.; LIMA, L. J. C.; NIGRO, G. M. S. Convivência, trabalho em grupo, formatividade e práticas territoriais na interface arte-saúde-cultura. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (Org.). *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*. São Paulo: Summus, 2015. p. 128-147.
- COUTINHO, S. et al. Ações de Terapia Ocupacional no território da cultura: a experiência de cooperação entre o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arte e Corpo em Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 188-192, 2009.
- GALHEIGO, S. M.; CASTRO, E. D. Humanização e cuidado: referenciais para a prática da terapia ocupacional junto à pessoa com câncer. In: OTHERO, M. (Org.). *Terapia Ocupacional: práticas em oncologia*. São Paulo: Roca, 2010. p. 16-46.
- LIMA, E. M. F. A. et al. Pacto adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 157-163, 2009a.
- LIMA, E. M. F. A. et al. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 143-148, 2009b.
- MALUF, J. C. G. et al. O coral cênico cidadãos cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 199-204, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. *Normas sobre a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência*. São Paulo: APADE/CVI-NA, 1996.

PELBART, P. P. Teatro nômade. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 62-69, 1998.

REIS, A. O.; MARAZINA, I. V.; GALLO, P. R. A humanização na saúde como instância libertadora. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 36-43, 2004.

SARACENO, B. *La fine dell'intrattenimento*. Manuale di riabilitazione psiquiátrica. Roma: RCS Libri – Grandi Opere, 1995.

SOARES, M. R. M. et al. Cidade adentro, cidade afora: histórias entre Associação Morungaba e PACTO-USP. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 193-198, 2009.

VALENT, I. U. *Fazer imagens, inventar lugares: experimentações fotográficas e audiovisuais em práticas artísticas na interface Cultura e Saúde*. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Contribuição dos Autores

Este texto compõe parte das reflexões desenvolvidas no “Projeto de Pesquisa Agenciamento cultural e cuidado na atenção a populações em situação de vulnerabilidade social: construção e avaliação de tecnologias socioculturais no campo da Terapia Ocupacional”, elaborado e desenvolvido pelos autores junto ao Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, com diferentes contribuições no processo de trabalho. Todos os autores trabalharam conjuntamente na composição e finalização do artigo, nas pesquisas de temas a ele relacionadas e no processo de redação e revisão final do texto, bem como aprovaram sua versão final.

Fonte de Financiamento

Este projeto recebeu várias modalidades de financiamento da Universidade de São Paulo (bolsas do Programa Aprender com Cultura e Extensão, Ensinar com Pesquisa) e de agências financiadoras (FAPESP: bolsa de treinamento técnico, auxílio pesquisa e Iniciação Científica; CNPq: Iniciação Científica).

Notas

¹ Laboratório do Curso de Terapia Ocupacional de Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, credenciado como Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).